

HÁ DEZ ANOS

Mariza Peirano
Universidade de Brasília

Há dez anos, uma série de questões relativas ao tema abrangente do ensino de antropologia preocupava os docentes envolvidos nos cursos de graduação e de pós-graduação no Brasil. Essas questões combinavam tanto aspectos substantivos e de conteúdo quanto dimensões pragmáticas e instrumentais. Um tema recorrente dizia respeito à forma como se produz, como se “faz” um antropólogo; e, nessa direção, o estilo simples de transmissão de conhecimento por meio de aulas era contrastado com a concepção de um processo mais complexo de “formação”, no qual se buscava valorizar a leitura de monografias clássicas, a orientação de um mestre e a própria pesquisa de campo.

Outro tema correlato referia-se ao lugar da antropologia no contexto das demais ciências sociais – no momento em que sua visibilidade se ampliava nos fóruns multidisciplinares, os antropólogos procuravam esclarecer e demarcar as características próprias à disciplina, assim como a pertinência (ou não) de haver cursos específicos de antropologia na graduação. Grades curriculares e propostas de cursos estavam, tanto quanto hoje, entre aquelas preocupações, mas as especificidades do ensino da graduação e da pós-graduação recebiam uma atenção especial. Na pós-graduação, a relação entre o mestrado e o doutorado foi, também, um tema que suscitou grandes inquietações, já que, naquele momento, o número de programas que ofereciam os dois níveis era ainda limitado e, neles, o percurso costumava ser excessivamente longo para o antropólogo em formação.

Assim, quando fui convidada para assumir a primeira vice-presidência da ABA – cargo até então inexistente – na gestão

de João Pacheco de Oliveira, estabelecemos que o “ensino da antropologia” seria um tema de discussão que eu assumiria como atribuição e prioridade. Nesse contexto, os textos aqui reunidos foram produzidos e como resultado de dois eventos: o primeiro, uma mesa-redonda intitulada “*O Ensino das Ciências Sociais em Questão: o caso da Antropologia*”, que aconteceu em outubro de 1994, no XVIII Encontro Anual da Anpocs, em Caxambu. Cinco antropólogos foram convidados a preparar comunicações sobre tópicos de sua escolha, e estes seriam, então, debatidos por um sociólogo e por um cientista político. (A idéia de que o ensino da sociologia e da ciência política seguiria o mesmo formato nos anos seguintes não vingou na Anpocs.) Os textos eram de Eduardo Viveiros de Castro, Luiz Fernando Dias Duarte, Paula Montero, Peter Fry e Mariza Peirano, e foram debatidos por Juarez Brandão Lopes e Fábio Wanderley Reis. Embora a discussão tenha sido acalorada e proveitosa, os debatedores não produziram textos escritos. Os trabalhos dos antropólogos foram, depois, divulgados no Caderno “*O Ensino da Antropologia no Brasil: Temas para uma discussão*”, acrescidos de comentários de Mariza Corrêa e de Pierre Sanchis. O segundo evento ocorreu em abril de 1995, em seminário realizado no Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, com o título de “*Ensino da Antropologia*”. Deste encontro, três artigos foram publicados no *Anuário Antropológico/96*, de autoria de Klaas Woortmann, Cláudia Fonseca, Ana Maria de Niemeyer.

Graças à iniciativa de Miriam Grossi, dez dos textos que resultaram dessas discussões são aqui reunidos pela primeira vez, neste volume organizado por ela, Carmen Rial e Antonella Tassinari¹. Expresso a elas o meu reconhecimento e a alegria de ver estes artigos lado a lado a outras iniciativas posteriores da ABA, não apenas por seu caráter documental ou arqueológico, mas pelo interesse que várias dessas reflexões ainda hoje despertam – o Caderno há muito se esgotou –, pela variedade de pontos de vista e pela permanência e atualidade – se não relevância – de muitos temas então discutidos.

¹ A exceção é o artigo de Eduardo Viveiros de Castro, que o autor optou por não ver republicado. O texto de Heraldo Maués, apresentado no segundo evento e aqui incluído, não havia sido publicado no *Anuário Antropológico/96* por razões editoriais.